

Luta por cargos adia escolha da Mesa

As divergências de interesses entre o bloco de apoio ao governo e o PMDB adiaram para hoje a decisão sobre a composição da nova Mesa da Câmara dos Deputados, que será escolhida amanhã, um dia depois da posse dos eleitos. Reunidos numa sala de dois metros de largura por três de comprimento na liderança do PFL, apelidada de "confessionário", os líderes dos principais partidos discutiram ontem no início da noite se sacrificariam o PSDB na composição da Mesa, para que o PFL pudesse ter dois cargos.

O impasse na composição da Mesa começou na noite de quarta-feira, quando o PMDB — partido de maior bancada, com 109 deputados — anunciou que pretendia tanto a presidência como a 1ª vice-presidência. O argumento do PMDB era a necessidade de se evitar que acontecesse na Câmara o que aconteceu na atual legislatura passada no Senado. O 1º vice, senador Iran Saraiva (PDT-GO) dava uma orientação completamente diferente às sessões todas as vezes em que o presidente, senador Nelson Carneiro (PMDB-RJ), se ausentava. Pela composição inicial, a 1ª vice-presidência da Câmara ficaria com o PDT.

Ameaças — Como terceira maior bancada (46 deputados), o PDT reivindicava o direito a ser o terceiro a escolher. O PMDB era dono da presidência. O PFL, segunda bancada, preferiu a 1ª secretaria, que tem o controle administrativo da Câmara. "Não abrimos mão da primeira vice para podermos administrar a Casa", argumentou Genebaldo Corrêa (PMDB-BA), que negocia pelo partido.

"Nós também não abrimos mão do que entendemos ser um direito nosso", contra-atacou Vivaldo Barbosa (PDT-RJ). Diante do impasse, o deputado Inocêncio Oliveira (PFL-PE) viu espaço para uma postulação sua. "Se o

PMDB quer tudo, vai ficar sem nada", ameaçou. Inocêncio sairia candidato pelo bloco de apoio ao governo, que será formalizado hoje. Como o bloco tem maioria, (120) Inocêncio entendeu ter o direito de disputar através dele a presidência. O deputado montou uma chapa que contemplava todos os partidos. Mantinha a 1ª vice-presidência para o PDT e ainda encontrava espaço para o PT (que seria dono da 4ª secretaria) e para o PSDB (a quem reservou a 3ª secretaria).

Às 14h, no restaurante do Senado, o candidato do PMDB à presidência da Câmara, deputado Ibsen Pinheiro (RS), almoçava quando viu Inocêncio chegar cercado de parlamentares de vários partidos. Ibsen preocupou-se. "Vamos conversar", disse sério a Inocêncio. O deputado gaúcho puxou do bolso uma nova chapa que dava dois cargos ao PFL e tirava um do PSDB. "Acho isso mais proporcional", disse Ibsen. "Claro. Nós temos 83 deputados, o PSDB tem 36. Não há motivo para ambos termos apenas um cargo na Mesa", concordou Inocêncio. Diante disso, Inocêncio retirou sua postulação.

Cálculo — Na verdade, a proposta de Ibsen baseava-se numa filigrana matemática. A composição da Mesa é feita por um critério de proporcionalidade que tem por base o número de parlamentares de cada bancada. Essa proporcionalidade, porém, é feita normalmente levando-se em conta os sete cargos titulares da Mesa (a presidência, as duas vice-presidências e mais quatro secretarias). O PMDB propunha um cálculo a partir de 11 cargos (estes mais as quatro suplências). Por esse critério, o PSDB não perdia um cargo, mas, pelo tamanho de sua bancada, só teria direito a uma cadeira de suplente.

Feliz, Inocêncio dizia às 15h que tudo estava resolvido. Duas horas de-

pois, voltava o impasse. Reunidos no gabinete do PFL, os líderes dos partidos, PSDB excluído, não conseguiam concluir que cargos estavam reservados para cada um deles. Na sala apertada, espremiam-se Ibsen, Inocêncio, o líder do PFL, deputado Ricardo Fiúza, Genebaldo Corrêa, Luís Eduardo Magalhães (PFL-BA), Vivaldo Barbosa e Arnaldo Faria de Sá (PRN-SP). A proposta inicial de Ibsen previa a presidência e a 1ª vice-presidência para o PMDB. O PDT ficaria com a 2ª vice. O PFL ganharia a 1ª secretaria e a 4ª. A 2ª secretaria seria do PRN e a 3ª terceira do PDS. A briga passou a ser travada dentro do bloco do governo: o PFL queria a 2ª secretaria. Eram 18h e os deputados permaneciam discutindo na sala apertada.

Novatos — Do lado de fora, um outro grupo ameaçava pôr em risco toda a negociação. "Não viemos brincar de deputado", avisou Alberto Haddad, eleito pelo PRN de São Paulo. Haddad lidera o Movimento Novos Deputados, que congrega 120 parlamentares de primeiro mandato. "Exigimos participar da escolha pela composição da Mesa. Nos recusamos a dizer amém a tudo", dizia o deputado. O grupo diz ser dono de 62% dos votos do plenário. "Se não conseguirmos acordo, vamos lançar uma candidatura avulsa sábado no plenário. Temos convicção que nosso candidato vai para o segundo turno", confiava.

Até ontem, apenas Ibsen Pinheiro e Prisco Vianna (PMDB-BA), que também pretende lançar-se candidato no plenário, tinham procurado os novos deputados. Ibsen havia prometido estudar uma forma em que os estreantes pudessem participar. Prisco foi mais esperto: foi a uma reunião do grupo anteontem no Hotel Naoun, no centro de Brasília e declarou-se solidário ao grupo. Saiu de lá aplaudido.